

PROTAGONISMO CO(R)ADJUVANTE: CLARA DOS ANJOS E A INTERMIDIALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba; robertatiburcio02@hotmail.com

Resumo: Ao longo dos anos a Literatura tem se revelado como um campo de intersecções constantes e diálogos cada vez mais aparentes entre os diversos saberes/artes e a própria sociedade/cultura. Lima Barreto apresenta em “Clara dos Anjos” (1948) os trânsitos entre a vida e a arte, ou entre os vários vieses da ficção e da sociedade. Clara dos Anjos não só semiotiza as moças negras e pobres e os conflitos advindos das desigualdades sociais e dos problemas raciais no Brasil, mas também revela a linha evidente (ou clara) entre a literatura e as demais mídias, como, por exemplo, a música, expressa na importância das modas (cantigas) no trajeto da protagonista do Romance, ou, pelo menos, naquela que dizem ser a protagonista. É justamente por meio da relação entre Clara e a música, executada através do namoro da jovem com o conquistador (branco e rico) Cassi Jones, que Lima Barreto empreende, ainda no século XX, o processo de compreensão/defesa da pós-autonomia da Literatura. Nesse sentido, por meio de pesquisa bibliográfica, objetivamos, através das discussões acerca das questões de gênero e cor/raça da narrativa, analisar como a intermedialidade se apresenta na obra em questão, bem como, de que modo os diálogos entre as mídias abrem margem para a reflexão a respeito do ensino-aprendizagem da Literatura em sala de aula. Para tal, utilizaremos os conceitos de intermedialidade, de Justino (2015), de literaturas pós-autônomas, de Ludmer (2010), e os debates acerca das questões étnico-raciais e de gênero, em Salaini (2009) e Silva (2007), entre outros.

Palavras-chave: Literatura, intermedialidade, minorias, ensino.

Introdução

Finalizado no ano de 1922, ano da morte de Lima Barreto, e publicado em 1948 “Clara dos Anjos” é um romance que retrata a subalternização e estereotipação da mulher brasileira, especificamente da negra (chamada na obra de “de cor”). A obra apresenta a estória banal de mais uma das conquistas/“defloramentos” de um jovem branco de Classe média, Cassi Jones, na qual a jovem, negra e pobre, Clara dos Anjos, filha do carteiro Joaquim dos Anjos, é iludida e abandonada grávida pelo protagonista/antagonista. Porém, por trás, ou melhor, por todos os lados, desse ato encontram-se elementos de ordem diversa, que provêm dos entrecruzamentos dos discursos midiáticos, sociais, e “particulares” que convergem, em conjunto com Cassi Jones, o agente executor, para o fim degradante de Clara e de todas que ela semiotiza.

Lima Barreto, escritor negro engajado com os problemas sociais/raciais/culturais de sua época, publica na década de 40 para 50 uma obra na qual as questões do âmbito social se apresentam na vida das personagens e, principalmente, na maneira como o narrador conduz os eventos da trama para o desenlace final da narrativa. É “Clara dos Anjos” uma produção que ao mesmo tempo em que configura os dilemas de uma jovem negra e pobre da sociedade brasileira da época, também desconstrói a ideia de autonomia literária e começa a apontar para o fato, hoje tão discutido, da pós-autonomia da Literatura.

Embora o nome passe a impressão, a pós-autonomia não revela um movimento posterior, mas sim paralelo à concepção de autonomia literária, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que existiram/existem obras que colocavam a Literatura em um campo à parte dos outros elementos, sociedades, culturas, artes, etc, entendendo-a e defendendo-a como um espaço fechado em si mesmo, escrituras contemporâneas a estas, não necessariamente do que se chama de Literatura Contemporânea, nos mais diversos períodos da história literária recusam-se a tal concepção e apontam para uma abertura do campo literário à moda do rizoma deleuziano, que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.04).

Nesse sentido, com as Literaturas pós-autônomas “se borram os campos relativamente autônomos (ou se borra o pensamento em esferas mais ou menos delimitadas) do político, do econômico, do cultural.” (LUDMER, 2007, p. 3). Dessa forma, objetivamos refletir a cerca da condição feminina negra na obra “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, com base nas pesquisas de Silva (2007), observando como a intermedialidade contribui para a configuração da subjetividade

das personagens femininas, nos estudos sobre a intermedialidade de Justino (2015), e como estas são “representadas” na narrativa, sob a ótica de Chartier (2002), entre outros. Para tal, faremos uso de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

1. A Literatura às Claras: gênero, raça e intermedialidade

A literatura em diferentes etapas da história procurou definir não só a si mesma, mas também garantir o seu lugar na sociedade como uma tentativa de comprovar uma importância fundamental ou mesmo indispensável para a sociedade. Esse movimento ocorreu de diversas maneiras. Entre tantos estados o texto literário ora se fechava em si (autonomia) se declarando como ficcional, portanto à parte da realidade, ora tocava nos assuntos mais recorrentes/impactantes da sociedade e fazia emergir a discussão em torno de sua influência social/cultural/política (pós-autonomia).

As personagens presentes nas mais diversas obras corresponde(ia)m a modelos vistos em todos os âmbitos do plano social. Os temas como gênero, raça/etnia, sexualidades, etc, encontra(va)m no texto um espaço de voz/reflexão. A literatura tem se mostrado, cada vez mais, um objeto intermediário (médium) entre o real e o ficcional, entre o político e o “literário”, etc. Dessa forma, as obras são médiuns, compostas pelo que está entre, no interior e fora/em volta de si. Nesse sentido, “A intermedialidade é uma estratégia de leitura cujo percurso metodológico pressupõe uma ecologia das culturas. Tendo como premissa a máxima midiológica de que todo médium e médium “novo” há em toda parte, exige tanto novas mediações quanto um repensar de mediações antigas.” (JUSTINO, 2015, p.26).

Lima Barreto, com suas obras, auxilia na compreensão dos inters, ou entrecruzamentos, entre Literatura e os mais diversos elementos, cultura, sociedade, etc, e os faz tendo a escrita como médium e mídia. A Literatura é em Barreto médium na medida em que abre margens e linhas de fuga para possíveis discussões acerca de gênero e raça, e é mídia ao passo que se coloca, em uma relação explícita com a música (cantigas), como objeto de configuração/divulgação desses caracteres e dos diálogos estabelecidos entre os diversos elementos existentes no plano “”realficcional”(LUDMER, 2007).

A busca por uma normatização, ou padronização das pessoas na sociedade é entendida como uma causa e um sintoma do ato de educar os sujeitos e as sujeitas. Dessa forma, “a educação efetiva-se por sucessivos estados de mudança com a finalidade de reproduzir indivíduos que atendam as necessidades da sociedade. Em seu caráter histórico-antropológico, a educação é a transmissão da cultura pelos meios que ela própria torna possível.” (SILVA, 2007, p. 103).

Lima Barreto ao mesmo tempo em que repercutia, não com a mesma finalidade normativa e sim problematizadora, essa educação das pessoas, especialmente da mulher, desconstruía os modelos, mostrando as ruínas causadas por essas predefinições, e apontava para a própria ruína do campo literário como espaço autônomo, livre das influências dos fatores históricos/sociais.

Escritor negro, Lima explicitou em sua narrativa e em sua vida os problemas e preconceitos de cor existentes na sociedade brasileira, e mundial, em que vivia. A visão dos negros como sujeitos subalternizados e inferiorizados, e até animalizados, era apresentada em suas obras e “representada” por personagens muitas vezes estereotipados. Tendo em vista que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto(*sic*) reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Destarte, Lima Barreto, já no século XX, escrevia uma literatura engajada com os dilemas sociais de sua época e com a abertura da literatura e o diálogo entre as mídias e culturas. Portanto, “Seria interessante fazer uma genealogia da literatura num campo expansivo, bem como entender concepções possíveis a outras formas em que a literatura tentou sair de si, antes ainda dos anos 1960” (GARRAMÑO, 2014, p. 34).

É a escrita de Lima Barreto um espaço de diálogos de muitas mídias e de entrecruzamentos de discursos vários, que se relacionam com grupos minoritários e jogos de poder. A produção deste autor é mais do que artefato literário, é amostra sintomática dos devires dialógicos da Literatura e das artes, da fusão entre ficção e “real”, da impossibilidade de qualquer isolamento ou autodefinição do objeto “literário”.

2. Intermezzo: as sombras/tons de Clara

“Clara dos Anjos” (2010) é um romance publicado após a morte de Lima Barreto, que ocorreu em 1922 ao passo que a publicação da obra é de 1948. Por meio da narrativa da história de uma jovem negra e pobre, que dá nome ao livro, o autor coloca em visibilidade os preconceitos enfrentados pelas mulheres negras no Brasil do século XX, embora ainda haja muitos resquícios de preconceitos semelhantes atualmente. A sublaternização da mulher é configurada na obra de tal modo, que não só a personalidade e movimentos de Clara são submissos, como também o seu protagonismo na obra, uma vez que a ideia é de que Clara é a “mocinha”/protagonista, é soterrado

pelos demais fatos e personagens da trama. Clara é descrita, inicialmente, como uma jovem de 17 anos que recebeu uma educação cristã, voltada para os cuidados domésticos e submissão aos pais e aos mais velhos:

Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou o pai, só saía com D. Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras.

No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, as vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de dentro, quando a sua professora de costuras se prestava a acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de entregar ao seu prazer predileto de jogar sozinho com os companheiros habituais; E sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 2010, p.05)

Tanto Clara quanto sua mãe são descritas como sujeitas subalternizadas aos homens da família, embora a primeira também seja subalterna a segunda por meio da relação parental. O que se revela importante, nesse sentido, é observar como as mulheres são tidas como elementos estritamente ligados aos afazeres e cuidados domésticos, uma ensinando a outra, e assim se perpetuando a condição feminina inferior ou marginalizada na sociedade.

O lugar da mulher na sociedade está tão marcado na obra que até as profissões são definidas como sendo para homens ou mulheres, é assim que Nair, uma das primeiras personagens que aparecem como vítima de Cassi Jones/o deflorador, é descrita como alguém que estava sendo encaminhada pela mãe “nos estudos próprios do seu sexo” (BARRETO, 2010, p.11), sendo estes música(piano), havendo, também, para as mulheres, a possibilidade do estudo para o magistério.

Clara possui um papel tão inferiorizado na obra, que até suas características físicas só são descritas através das dos outros, dos seus pais, não sendo ela dotada de uma personalidade inédita/marcante:

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe.

Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido, que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média deles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos.

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumalara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares. (BARRETO, 2010, p.26).

Como muitas outras jovens, negras e pobres, Clara vai ser seduzida pelo rico e branco Cassi Jones, que tem um papel bem mais atuante e chega a tomar o espaço que “seria da protagonista Clara” na narrativa, para por fim roubar até o futuro e o presente da garota, abandonando-a grávida. É Cassi descrito como um grande e cruel conquistador, como o modelo do machão, para o qual as mulheres são a caça e ele, como o nome o alude, o caçador:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado "modinhoso", além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo "Brandão", das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelintragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa "pastinha". Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão.

Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas. (BARRETO, 2010, p.26).

Cassi Jones é um personagem dotado de grande foça e malvadeza/esperteza, em contraste com Clara que vai ser um símbolo de todas as outras personagens, e garotas, ingênuas e frágeis, sendo facilmente manipulada por Cassi. De certo modo, Clara rompe com um certo padrão de submissão feminina, ao quebrar o tabu da virgindade/pureza tão valorizado no seio de sua família. Contudo esse movimento não representa uma rebeldia, mas uma consequência da falta de diálogo com os pais ou com a mãe, como se a instrução/educação que a mãe lhe deu não fosse suficiente, pela falta de contato da menina com o mundo. É esse mais um indício da inferioridade de Clara, da sua incapacidade de lidar com “o real”. Dessa forma a personagem feminina permanece diminuída.

Surge então a relevância da música, ou das cantigas na ida de Clara, uma vez que são estas melodias que a fazem cada vez mais sonhadora, ingênuas e alienada. O contrário de Cassi que usa a música para seu próprio benefício. Temos assim, o feminino que se deixa dominar e o masculino que domina o elemento musical/a vida/os outros:

Escolhia bem a vítima, simulava amor, escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, empregava, enfim, todo o arsenal do amor antigo, que impressiona tanto a fraqueza de coração das pobres moças daquelas paragens, nas quais a

pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade num Amor, num grande e eterno Amor, na Paixão correspondida. Sem ser psicólogo nem coisa parecida, inconscientemente, Cassi Jones sabia aproveitar o terreno propício desse mórbido estado d'alma de suas vítimas, para consumir os seus horripilantes e covardes crimes; e, quase sempre, o violão e a modinha eram seus cúmplices... (BARRETO, 2010, p.19).

Cassi Jones utiliza toda sua lábia e suas músicas para conquistar Clara, e afirma, para mantê-la submissa, o modelo de mulher/esposa que Clara acreditava que seria o certo. Dizia que “O seu ideal era Clara, pobre, meiga, simples, modesta, boa dona de casa” (BARRETO, 2010, p.93).

Clara só se esclarece sobre sua real condição e situação quando se percebe grávida e abandonada por aquele que julgava ser seu “amor eterno”: “A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam...Por que a escolhera? Porque era pobre e, além de pobre, mulata.” (BARRETO, 2010, p.99).

Clara é totalmente manipulada por Cassi, ela não é dona de sua história, não é nem protagonista da obra, a verdadeira protagonista é a história das conquistas de um jovem boêmio e branco sobre mulheres negras. Clara poderia ser qualquer outra, assim como Cassi. Através de suas músicas e seu violão o conquistador era o verdadeiro protagonista/antagonista da narrativa, o agente deflorador. É este o verdadeiro ponto principal da obra: o defloramento de jovens negras e pobres por homens brancos ricos, e com ele à crítica a sociedade racista e às relações capitalistas/patriarcais.

É inegável que Lima Barreto apresenta em “Clara dos Anjos” uma narrativa que vai além do escrito, que chega ao sonoro(música) e ao visual/sonoro(cinema) e os ultrapassa, e perpassa os modos de produção e circulação dos textos/mídias, basta lembrar que o pai de Clara, Joaquim dos Anjos, é carteiro. É esta uma obra de constante espaço de produção de escrita e diálogos entre as mídias.

3. Os demônios de Clara na sala de aula

Ensino de literatura em sala de aula tem se tornado um espaço cada vez mais voltado para as mudanças nos campos sociais/políticos e culturais. A Literatura não fica para trás desses movimentos, ela se transforma, se ressignifica, estabelece novos diálogos e põe em cena novas questões.

Estudar/ensinar literatura hoje é abrir-se para os novos cruzamentos, para os movimentos inter e extra, que o texto literário percorre. É abordar seus conteúdos, mas também seus foras, seus agenciamentos, suas negociações com as demais artes e culturas. É levar o aluno a refletir sobre a condição questionadora da literatura nos mais diversos pontos da sociedade, como as relações de gênero, raça e classe-social apresentadas em “Clara dos Anjos”. “É saber com que outra máquina a

máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 11).

Nesse sentido, a leitura de uma obra literária, como “Clara dos Anjos”, em sala de aula deve ser realizada com observação às questões ditas “literárias” da obra e dos envolvimento dela com os elementos culturais e políticos de sua época, tendo em vista que nenhum objeto, muito menos a Literatura, é um produto neutro e/ou predefinido/autossuficiente.

4. Conclusão

“Clara dos Anjos” é uma narrativa na qual o escritor Lima Barreto conseguiu deixar claro as sombras, ou os movimentos *inter(mezzo)*, realizados pelo texto literário. Através da história de Clara percebe-se os dilemas enfrentados pelas mulheres negras e pobres na busca por colocar-se de maneira atuante e não subalternizada na sociedade, condição esta que não se efetua e nem mesmo é intencionada pela personagem central na obra em questão.

Prossigue a jovem, agora mãe solteira, Clara em sua jornada de inferiorização e lutas pela sobrevivência, porque da utopia de viver a jovem já houvera desistido quando a música parou e o Cassi Jones “foi tocar em outra freguesia”. Observando a influência das cantigas na obra percebe-se como “A música nunca deixou de fazer passar suas linhas de fuga, como outras tantas “multiplicidades de transformação”, mesmo revertendo seus próprios códigos, os que a estruturam ou a arborificam; por isto a forma musical, até em suas rupturas e proliferações, é comparável à erva daninha, um rizoma.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 20).

A literatura se mostra em Lima Barreto como um campo de discussões sobre as relações sociais e o próprio fazer e ler Literatura. Nesse sentido, é esta uma obra que pode apresentar múltiplas fontes de estudos e pesquisas na escola e no âmbito acadêmico, para que, dessa forma, possamos nos aproximar cada vez mais dos foras e “dentros” que os textos literários configuram, em diálogo com as demais mídias e artes/culturas.

Referências:

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 1.ed.2.emp. São Paulo: Editora Scipione, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GARRAMUÑO, Florência. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente**. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Revista Sopro, Desterro, n.20, p. 1-6, janeiro de 2007.

SILVA, Jomar Ricardo da. **A educação da mulher em Lima Barreto**. Tese (doutorado em educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de ciências sociais aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.